

Notas Bibliográficas

MIRANDA, José Porfírio: **Marx y la Biblia — Crítica a la Filosofía de la Oposición**. 342 pp., 21 x 13 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, Espanha, 1972.

O autor examina filosófica e bíblicamente o sistema econômico liberal, capitalista. Para ele não passa de filosofia de opressão (11), tão instalada na civilização e cultura ocidental que nem se dão conta seus ideólogos e seguidores do desumano, antibíblico e condenável que ela contém. Caracteriza a civilização ocidental como larga cadeia de opressão, sendo o capitalismo o último elo, mais perfeito e bem estruturado, o qual traz em seu bojo toda a maldade milenária da humanidade exploradora (17). O sistema social capitalista já estava de raiz na filosofia ocidental, grega (18). Deve começar a história do **HOMEM**, do **EU**, não continuar a do **SER EM SI** (19-20); do **HOMEM NOVO**, da **CRIAÇÃO NOVA** de Paulo, cf. Gal 6, 15; 2 Cor 5, 17; Ef 4, 24.

Fala de Marx, não do comunismo; salienta seus méritos na crítica ao capitalismo (11-12), pois que em não pouca parte coincide com os postulados da Bíblia (17). Daí o título. Encíclicas papais adotaram suas intuições válidas (13).

Visa esclarecer, a fim de libertar nossa mentalidade ocidental da gangrena do sistema econômico capitalista.

No capítulo 1.º: "A propriedade privada em questão", 21-56, faz-se a pergunta de como tenha sido possível católicos defenderem a propriedade privada dos meios de produção, apesar dos dados bíblicos e patrísticos até ao IV século inclusive.

Nos capítulos 2.º: "O Deus da Bíblia", que não se confunde com o Deus pantocrator, adorado pelos ocidentais, 57-99; 3.º: "A intervenção de Deus na história", 101-133; 4.º: "Lei e civilização", 135-226; 5.º: "Fé e dialética", cuja conclusão é: O sentido agudo da moral exige que o nosso pensamento seja dialético, pois só a filosofia dialética é capaz de descobrir, na realidade passada e presente, a exigência irreprimível de um mundo mais humano (16), — mostra qual deva ser a autêntica mentalidade cristã, no campo econômico, a partir da Bíblia.

Algumas afirmações poderão chocar ânimos não enfronhados no mérito da questão; outras ser questionadas. O livro estimula o debate e a discussão para aclarar idéias, abre corajosamente perspectivas novas.

R. A. Br.

DÍEZ-ALEGRIA, J. M. — SETIÉN, J. M. — PUENTE EGI-
DO, J. — **Concordato y Sociedad pluralista**. (Séptimo Sello
15), 112 pp., 20,5 x 11 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca
(Espanha), 1972.

Trata-se de duas palestras (as de Setién e Puente Egido) pronunciadas num ciclo de conferências que, sob os auspícios do Instituto "Fé e Secularidade" de Madri, desenvolveu o tema geral: "Concordata e Sociedade pluralista". Essas duas palestras vão complementadas por um resumo de uma outra de Díez-Alegria e pelo texto do anteprojeto de revisão da vigente concordata entre a Espanha e o Vaticano. Este último apêndice já nos está a indicar o contexto concreto em que as palestras foram pronunciadas: o da atual Igreja espanhola, com as suas tensões e contradições, com o seu conflito de gerações, com a sua perplexidade perante um Estado que se proclama confessionalmente católico. Dentro dessa Igreja espanhola, os autores tomam uma posição clara de rejeição do atual *status quo*. Apesar das afirmações em contrário, e da pretensão de construir uma teoria isenta dos condicionamentos históricos (p. 21), a situação concreta espanhola transparece continuamente ao longo das páginas do livro. Daí que o afã de defender uma liberdade, que eles pensam estar hoje ausente da sociedade espanhola, leve Díez-Alegria e Setién a postular apenas um "reconhecimento efetivo da liberdade religiosa", sem acordos, nem pactos de nenhuma espécie. Ao meu modo de ver, isso é uma abstração utópica: talvez o ideal desejável, mas absolutamente irrealizável, como dois mil anos de história nos têm mostrado. Com o nome de concordata ou com outro qualquer, por entendimentos diretos entre o Vaticano e o Estado ou por negociações entre o episcopado e autoridades regionais, através de declarações solenes ou como que às escondidas: a verdade é que uma boa parte da ação da Igreja teve que aceitar o condicionamento, a colaboração, a tolerância ou o apoio do Estado. Tomar uma posição rígida de negação de qualquer relacionamento concordatário equivaleria a um suicídio da Igreja; e, será que a proibição do suicídio vale apenas para os indivíduos?

Muito mais nuançada, e por isso também mais aceitável, é a posição de Puente Egido que, do ponto de vista do Direito Internacional, reconhece a personalidade jurídica da Igreja, sublinha o seu caráter comunitário e postula uma não intervenção dos eclesiásticos em grêmios ou organizações políticas. As questões que o mesmo Puente Egido levanta no fim da sua dissertação (p. 84) merecem uma reflexão profunda.

O livro é interessante para todos aqueles que se preocupam pela dimensão política do agir humano, mesmo eclesial.

J. H.

MAIA, P. A. e OLIVEIRA I. A.: **Profissões e Vida**, 172 pp.,
21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

O imenso campo das oportunidades de trabalho, de estudos, de recreação e de lazer, existentes na vida moderna, criou para o homem, em especial para os adolescentes, um grande número de problemas que são, sobretudo, de escolha e de ajustamento a novas situações. O avanço da ciência e o progresso generalizado criaram novas oportunidades e estas deram origem a um crescente número de escolhas e de novos ajustamentos. Deram-se alterações rápidas na vida do lar, nas condições de trabalho; alterações na vida escolar; alterações populacionais... Enfim,

a rápida evolução das técnicas de trabalho criou e cria problemas sérios de escolha de profissão, de ensino, de treinamento e de exercício profissional.

Os autores desta obra, Maia e Oliveira, cientes do quanto é necessária e urgente uma orientação profissional e certos de que um mínimo de informações sobre as profissões apresenta uma incidência lamentável quanto extensa, deram-se ao trabalho de uma série de palestras que versaram sobre Orientação Profissional. No espaço de 11 anos, deram palestras em dois mil estabelecimentos de ensino, nas áreas de: Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Goiânia e Brasília. Surpreendentemente constataram que a grande maioria dos jovens, mesmo estando já no terceiro colegial, não tinham recebido nenhuma orientação profissional. Conseqüentemente, confessaram ter feito uma escola destituída de fundamento.

Baseados nesta série de palestras, que os autores deram em dois mil estabelecimentos de ensino, redigiram eles esta obra: "Profissões e Vida".

Creio que é devido a estes encontros pessoais, nos quais se expunha, se debatia, se afirmava, se negava assuntos, colocações as mais diversas, que o Livro traz um conteúdo, uma orientação muito realística e objetiva. Os autores insistem em que a Profissão deve ser um ajustamento para a realização humana. Deve verter para o bem da comunidade no serviço a ser-lhe prestado. Eles crêem, porém, que isto não acontece se não houver ajustamento entre a personalidade do indivíduo e a área ocupacional a que se dirige.

Insistem os autores desta obra em que a escolha profissional não se reduz a um simples jogo de azar. As conseqüências seriam por demais trágicas a quem arriscasse fazer isso. Se não houver orientação, a vida se encarregará de selecionar nas suas diversas atividades aqueles que empreenderem um caminho para o qual não foram chamados.

Assim sendo, os autores de "Profissões e Vida", para facilitar a escolha profissional certa, trazem nesta obra uma série de profissões, colocando o leitor a par das atividades que cada qual encerra em si. Exs.: Em que consiste ser: médico, advogado, engenheiro, farmacêutico...

Baseado nestas explicitações das atividades de cada profissão, o leitor sentirá, automaticamente, suas tendências naturais, inatas e pode com segurança escolher e seguir sua profissão.

"Profissões e Vida" é uma obra entre muitas outras, que trazem uma colaboração estimável para todos que procuram descobrir a sua verdadeira profissão, colaborando para a realização e felicidade da pessoa.

I. B.

OLIVEIRA LIMA, Lauro de: *Mutações em Educação segundo McLuhan* (Col. Cosmóvisão n.º 1), 4.ª edição, 64 pp., 12,5 x 18,3 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972.

O presente livrinho possui um conteúdo cujo assunto está aberto a todos os intelectuais, capazes de fazer prospectiva em sua área de trabalho ou reflexão.

O objetivo nele visado é único e exclusivamente o futuro: para onde as coisas caminham.

No mundo contemporâneo, dominado pela técnica, muitos continuam a conceber o universo em termos mecanicistas, como um aparelho de

relojoaria em que cada parte do todo cumpre uma função determinada e única, está isolada, é perpétua e imutável.

Esta cosmovisão passou. A nova ciência exige uma cosmovisão na qual cada fenômeno se estrutura num conjunto de relações, onde tudo interage, tudo influencia e sofre influências. Nada é estático nem constituído de uma vez por todas.

É esta a idéia central que o autor quer oferecer ao amigo leitor. Chama atenção, e isso é importante, saber que as pessoas no seu campo de atividade, sendo ativas, não têm imaginação para prever ou para perceber as mutações em seu campo de ação.

Os que estão por fora do processo já identificaram as mudanças estruturais, enquanto as pessoas envolvidas supõem permanecer no "status quo".

O autor chama também atenção a respeito dos países subdesenvolvidos, apontando a vantagem que eles têm de queimar etapas e tudo vai num processo mais rápido. Não precisam pensar, planejar. Tudo está feito por outros países. Mas os efeitos, as conseqüências beneficentes ou maleficientes, ninguém as calcula.

O exemplo da Amazônia, onde as comunicações deveriam passar antes pela estrada a pé, a cavalo, por água, pela estrada de ferro, estrada de rodagem e finalmente pelo avião, antes de chegar às microondas e aos satélites, diz que se podem queimar etapas.

São apreciações muito valiosas e interessantes que o professor Lauro de Oliveira Lima faz sobre: "Mutações em Educação, segundo McLuhan".

A obra lê-se em questão de minutos e se enriquece no mundo das previsões, das perspectivas para muitos anos.

I. B.

NUTTIN, Joseph: Psicanálise e Personalidade. Uma teoria dinâmica da Personalidade normal dentro de uma concepção espiritualista do homem. Traduzido do original francês por Geraldo Servo, 6.^a ed. bras. revista e atualizada, 441 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Agir, Rio de Janeiro, 1972.

Sigmund Freud nasceu em 1856, em Freiberg (Morávia), cidade da atual Tchecoslováquia. Era judeu. Freud aos quatro anos passou a morar em Viena. Conserava sempre o primeiro lugar, até defrontar-se com a Universidade, onde o preconceito aos judeus tornara-lhe a existência amargurada. Absorvia todo o seu interesse em Darwin, Ernest Bruecke, fisiologista com o qual trabalhou algum tempo. As leis físicas da conservação da energia de Helm Holtz exerciam sobre ele grande influência, e servindo-se mais tarde delas enunciou a libido fisicista. Dedicou-se à medicina, estudando o sistema nervoso, vindo a ser lente de Neuropatologia. Familiarizou-se com as pesquisas de Charcot que trabalhava com histéricos, utilizando a hipnose. Ora, ao dar-se uma ordem "post-hipnótica" quanto aos efeitos, a pessoa a realiza mecanicamente e ao ser surpreendida realizando-a, fica embaraçada e busca uma explicação não verdadeira. Assim fazia Charcot, entretanto questionando e buscando que a pessoa rememorasse o que se tinha passado durante o sono hipnótico, ela se libertava do mecanismo introjetado no seu inconsciente pelo hipnólogo. Disto Freud compreendeu a importância de investigar a etiologia das neuroses, para que os pacientes se libertassem dos determinis-

mos. Contudo via-se barrado na sua capacidade de hipnotizar, buscando outra forma de rememoração dos acontecimentos reprimidos. Notou que, pelo relaxamento, a "resistência" tornava-se mais manipulável, e buscou as fantasias como uma forma de abordagem. Verificou também que os sonhos narrados por seus pacientes tinham certa lógica com seu estado de tensão. Concluiu coisas importantes: o esquecimento não era um ato passivo, mas recalques de acontecimentos desagradáveis; os fatos traumáticos causavam perturbações psiconeuróticas; os fatos-agentes possuíam um conteúdo emocional mais vivo conforme a sua proximidade à primeira infância; os fatos sexuais eram os mais dolorosos em seus pacientes. Evidentemente, devido a uma sociedade hipócrita, que vivia uma vida sexual até degenerada mas que a proibia, traumatizando as crianças, para obter um controle estrito. Algo o confundia. Seus pacientes narravam aventuras sexuais brutais havidas entre eles e seus pais, que às vezes eram pessoas de honra incontestável. Então Freud apelou para a sua lei de "desejos reprimidos" que se expressam na realidade. Todas as suas experiências e observações eram escritas e publicadas, mas o auge foi expresso em "**Die Sexualität in der Aetiologie der Neurosen**" e "**Zum Mechanismus der Vergesslichkeit**". Contudo, somente em 1904 buscou "Um método de exploração do Inconsciente baseado na Análise das tendências afetivas reprimidas", batizando-o de PSICANÁLISE.

Cercou-se de amigos como Otto Ranck, Jung, Bleuler e Ernest Jones — seu melhor intérprete e biógrafo. Surge em Zurich, liderado por C. G. Jung, o primeiro ramo divergente. Karl Abraham iniciou o grupo de Berlim. Steckel e Adler, o de Viena. Freud sentiu a necessidade de usar a Psicanálise com uma cosmovisão interpretativa do mundo. Neste sentido escreveu livros como "**Totem e Tabu**" — 1910 — comparando o ritual religioso com os atos obsessivos compulsivos do neurótico. De 1892, data do seu primeiro escrito: "Um caso de cura hipnótica", até 1932, "**Novas contribuições à Psicanálise**", escrevera 103 manuscritos, todos publicados. Não deixou de ser um profeta, no seu trabalho "**Zeitgemässes über Krieg Und Tod**", em que compreendia que a repressão das forças psíquicas do homem, pela civilização e cultura, possui um ponto limite, e é na guerra que a vingança histórica se faz sentir. O homem percebe-se então capaz de explodir todo o conteúdo reprimido sob forma grotesca e bestial. E previa que a civilização estava chegando a este ponto limite. E de fato, já velho via estourar a Guerra de 1914, em que suas obras de judeu foram queimadas por Hitler. Seu resgate custou 250.000 coroas à princesa Maria Bonaparte. Deixou seu último livro sobre um judeu, sofrido como ele, que sentira na carne a opressão e a miséria da civilização: "**Moisés e a Religião Monoteísta**". Morre a 23 de setembro de 1939.

É a partir desta vida riquíssima que surgiu uma perspectiva inteiramente nova para o século XX, em que a civilização e cultura nos levam às raias da neurose. A penetração de sua inteligência levou-o para além daquilo que podíamos sonhar. Suas obras continuam sendo intuições inexploradas.

O livro "**Psicanálise e Personalidade**", obra de Joseph Nuttin, é uma continuação de Sigmund Freud, na perspectiva de um espiritualista. Busca iluminar a Psicanálise a partir de uma concepção personalista, e com enorme felicidade. Este livro, propriamente, dispensa elogios, pois se trata de uma obra clássica. Ninguém com seriedade pode referir-se à Psicanálise sem ter lido este livro, citado em qualquer bibliografia e trabalho que queira ser tido como sério. Especialmente esta nova tradução, com acréscimos e Notas Bibliográficas, fazem deste livro um "fora de série" no gênero.

L. A. P.

FRIEDMANN, Georges e NAVILLE, Pierre com a colaboração de TREATON, Jean-René e outros: **Tratado de Sociologia do Trabalho**, traduzido do original francês por Octávio Mendes Cajado, em 2 vol. Vol. I 533 pp., 20 x 14 cm, Vol. II 494 pp., 20 x 14 cm, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.

Nas 1.027 páginas desta obra, "panorâmica e sintética", idealizada e realizada por dois sociólogos de renome internacional, Georges Friedmann e Pierre Naville, com a colaboração de psicólogos, economistas, demógrafos, juristas e etnólogos, temos uma realização de valor.

A obra está publicada em dois volumes: O primeiro, nas três grandes partes em que se divide (consagradas respectivamente a: Definições e Métodos; Indústria, População e Emprego; Trabalho e Progresso Técnico), trata de aspectos fundamentais como objeto e método da sociologia do trabalho, sua relação com as ciências sociais, teoria do emprego, orientação e formação profissionais, distribuição da mão-de-obra, desemprego, domicílio e local de trabalho, incidências da evolução técnica na vida social, a evolução do trabalho e a organização da empresa.

O segundo volume, em suas três grandes partes (e que focalizam respectivamente: A Empresa; Valores e Atitudes; O Trabalho e a Civilização Industrial), apresenta temas como estrutura e organização da empresa, o valor do trabalho, moral e satisfação no trabalho, movimento operário e conflitos do trabalho, classe operária e sociedade global, o trabalho nas regiões em via de industrialização, trabalho e lazer, tendências de hoje e perspectivas de amanhã.

A Sociologia do trabalho é considerada, pelos autores, em sua mais vasta extensão, como o estudo nos diversos aspectos, de todas as coletividades humanas, que se constituem graças ao trabalho.

Não foi feita, conscientemente pelos autores, uma tentativa de unidade em torno da sociologia do trabalho, pois a situação em que se encontra a pesquisa sobre o tema não a comporta e daí "preferimos a liberdade, da qual surgem matizes e até discordâncias capazes de alargar os horizontes, alimentar o pensamento crítico e abrir o espírito".

A colocação correta da problemática relativa à sociedade industrial é, através dos ângulos diversos dos especialistas, o escopo do "Tratado de Sociologia do Trabalho".

Obra didática; documentada em grande parte em dados relativos à França, clara e acessível, sem "abuso" da linguagem técnica, de manuseio recomendável a todos que se preocupam pelos problemas humanos em nosso momento histórico.

A. A. S.

RAHNER, Karl: **La gracia como libertad. Breves aportaciones teológicas.** Traduzido do original alemão por Javier Medina-Dávila, 320 pp., 21,5 x 14 cm, Ed. Herder, Barcelona, 1972.

A Editora Herder de Barcelona apresenta-nos a primeira edição do livro "La gracia como Libertad". É uma coletânea de escritos, sermões, palestras, entrevistas, programas televisivos, etc.

Rahner expõe no livro "Geist in Welt" sua Antropologia Filosófica, a partir do método transcendental, influenciado pelo trabalho de Maré-

chal sobre Kant, e enriquecido pelo pensamento de Martin Heidegger, do qual assistira o curso, durante dois anos. Ao final, sua tese foi rejeitada, por infidelidade, de linguagem e de conteúdo, ao Pensamento de Santo Tomás. Rahner tomou a crítica como elogio, pois não pretendia repetir esterilmente as afirmações de Santo Tomás. Era um homem do século XX que retornava às fontes da Filosofia Escolástica, e debruçava-se sobre o Doutor Angélico, buscando respostas às questões dos homens de hoje; talvez seguindo nisso a Heidegger que atribuía ao Filósofo a missão de pensar-o-seu-tempo.

Foi esta sua coragem que o levou a uma antropologia existencial, nova e original, que tem iluminado e aberto novas perspectivas para uma síntese teológica e para o diálogo da Igreja com o homem de hoje.

Alguns de seus artigos e trabalhos estão reunidos neste livro: "Deus, uma palavra breve"; "Habilitação para a verdadeira liberdade"; "Vinculação com a Igreja e Liberdade Pessoal"; "Perspectivas Ecumênicas — sobre a Justificação"; "A livre aceitação da Cruz e da nossa condição de criaturas"; "Responsabilidade na Igreja pós-conciliar".

O brilhante mas complexo pensamento Rahneriano raramente obteve uma tradução espanhola tão feliz, e isso acontece neste livro. Rahner é um pensador de vanguarda na Teologia. É sua capacidade de síntese, empostação e originalidade que o fazem um dos poucos teólogos com perspectivas novas. A facilidade com que se move dentro do mundo da Filosofia é tão surpreendente, que os melhores autores de Teologia são, na maioria das vezes, seus repetidores.

Rahner não é um homem de "gabinete", árido, dedicado exclusivamente a um pensamento rigoroso, lógico e sistemático. Sua alma e seu coração extravasam-se nos seus escritos. Trazemos um exemplo deste livro "Gracia e Libertad" — o artigo "sobre a Cruz" (tradução livre):

"Podes Queixar-te (dizem Cristo e a Igreja ao cristão) expressa tua queixa incontível, que não foi superada pela própria força, nem pelo consolo alheio. Tal queixa nos diz: Podes chorar tranqüilamente, não necessitas trabalhar como se pudesses sobrepor-te a tudo com serenidade estóica e impassibilidade suprema; podes estar perplexo como quem não consegue uma síntese de todos os contrários e não consegue uma sinfonia com todas as dissonâncias da existência. Porque tu não és Deus, único que pode fazê-lo, nem deves comportar-te como se tu também o pudesses. Mas quem se confiou ao mistério inefável, que é nosso Deus, quem o alcançou, nem por isso se desprende da própria perplexidade. Resulta só que esta submerge nas trevas santas, e, quiçá, resulte ainda mais terrivelmente dolorosa, por isso só assim desaparecerá. Encontra-se em processo de imersão sem estar inteiramente submersa e salva. Podes queixar-te" (p. 216).

L. A. P.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro: **Caminhos da Vida**, 48 pp., 18,5 x 12 cm, Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

É uma coleção de pequenas meditações de textos bíblicos num estilo fácil e com um conteúdo teológico acessível sobretudo para leitores adolescentes, não afeitos a temas de profunda especulação.

A finalidade da obra, como afirma o próprio autor, é de ser um auxílio para a vivência do Cristianismo do dia-a-dia, e neste sentido o livro pode considerar alcançado seu objetivo, pois as reflexões abstratas

se misturam às mais práticas, chegando até a considerações bem engajadas na realidade brasileira.

Uma das características da obra é o caráter otimista que a percorre toda.

Concluindo: o livro Caminhos da vida representa um bom instrumento para quem quiser meditar.

A. B.

LLANOS, José Maria de: **Desde la perplejidad en compromiso** (Col. Séptimo Sello — 16), 192 pp., 20 x 10 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

Um livro que agrupa artigos publicados isoladamente em diversas revistas ao longo dos anos 1969 a 1971. Na estruturação do livro, encontramos 4 seções. A primeira constitui-se de uma série de artigos sobre temas deste tempo e deste mundo. Um belo artigo é logo o primeiro: Llamada a la perplejidad, em que se apela a que os homens acordem, e deixem de sonhar, percebendo o momento dramático que nos cabe viver, com suas inquietudes, com suas perguntas e seus desafios. Reflexões sensatas sobre a injustiça, a não-violência, sobre o caso do tenente Calley e nosso "compromisso" no seu ato, e outros.

A segunda seção dedica-se a temas em torno especificamente do cristianismo. O Cristianismo é uma religião? O cristianismo como corporificação da fé no Deus de Jesus Cristo. Podemos falar em celebração ou comemoração de Cristo? Este é, por sinal, um bom elemento de pensar. E é possível falar em defender a Deus?

A terceira seção aborda temas acerca da Igreja, iniciando-se com uma distinção entre eclesiologia e eclesiolatria: um bom artigo, que vai condicionar os outros desta seção: a denúncia profética na Igreja, o templo cristão e seu significado, comunidades cristãs e o futuro dos religiosos.

A quarta seção refere-se a problemas propriamente espanhóis, embora haja possibilidade de extrapolação. Particularmente, as considerações sobre o "auge da mediocre-cracia", sobre o burguês, o revolucionário... Evidentemente estamos diante de um livro de vulgarização, e sua leitura pode ser boa como despertar para a análise mais radical e profunda das perguntas e problemas que simplesmente traz à baila. Neste sentido, e só neste, o livro é recomendável.

J. M. C.

PENNOCK, Geraldo: **Vem e vê. A vocação na Bíblia.** 177 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1972.

Nesta obra o autor conseguiu realizar aquilo que se propôs ao iniciá-lo: "... e assim resolvi escrever este livro, no qual quero, de modo simples, sem pretensões exegéticas ou teológicas, mas fiel à Sagrada Escritura — seguir o texto da Editora 'Ave Maria' — contar as histórias das grandes figuras da Bíblia e por elas mostrar o que de fato para Deus é vocação" (pp. 9-10).

Treze histórias de vocação desfilam diante dos olhos do leitor, de Abraão a Maria, Mãe de Cristo, passando por reis, profetas, o precursor do Messias e os apóstolos.

O "que significa vocação para a grande massa dos católicos? Uma certa vontade misteriosa, em tempo de criança ou adolescente, de ser padre, religioso ou freira; uma vontade inspirada por um idealismo juve-

nil, senão infantil. Um certo sentimento religioso ou aspiração, fruto da educação piedosa por parte da mãe, ou resultado de contatos mais freqüentes com padres ou outras pessoas da Igreja" (p. 168).

O confronto dessa opinião com a realidade apresentada pela Bíblia certamente levará a um enriquecimento do conceito de vocação, que deve ser assunto de todos, pois todos receberam uma vocação de Deus.

O livro serve tanto como tema de meditação, mas sobretudo como subsídio de trabalho nos centros de formação vocacional.

G. A. J. K.

COGELS, Gabrielle: A Integração da Amazônia e a Racionalização do Extrativismo. Temas I, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), 172 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, SP, 1972.

A Integração da Amazônia e a Racionalização do Extrativismo é uma obra, na qual a autora faz uma análise dos principais componentes geo-sócio-econômicos da Amazônia: clima, flora, fauna e o homem.

Contém descrições detalhadas dos principais espécimes da fauna, flora e um estudo dos tipos humanos que formam o elemento humano da região.

O tema central da obra é "A racionalização do Extrativismo", onde aborda as potencialidades do extrativismo da Amazônia, se este obedecer a padrões técnicos e científicos, bem como chama a atenção para a exploração irracional, que pode levar à extinção de grandes reservas da fauna e da flora.

Conclui, finalmente, com um pequeno apanhado do Subdesenvolvimento e Humanismo, com todos os problemas que daí decorrem.

O livro é de fácil compreensão, acessível ao grande público e a quem desejar enriquecer seus conhecimentos da região Amazônica — um problema nacional de grande relevância encontrará nele um grande auxílio.

G. A. S.

LAFAYETTE ALVARES, Dom José: Como uma Rede (Col. Oração e Ação n.º 10), 406 pp., 11 x 19 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor começa o livro com a imediata apresentação ao leitor dos Novíssimos, morte, juízo, paraíso e inferno. Ele goza de amplíssima experiência Pastoral na maior Diocese do Mundo, cidade cosmopolita com cerca de 50 línguas litúrgicas aprovadas pela Cúria Metropolitana de São Paulo.

O autor deplora o fato de que quase todo o mundo se deixa apanhar e arrastar pela marea das notícias e publicações sem que o homem de hoje conseguisse formar idéias próprias, fato este extremamente negativo para alguém aceitar a Religião e as verdades dela não já como um "Tesouro individual" e por isso estimado e irradiado, mas como uma simples tradição ou conveniência social. E desta forma, diz o autor, a Religião não conseguiu dar ao indivíduo a liberdade interior na alegre expectativa da Parusia, mas é um peso social que se acrescenta a tantos outros.

Ele apanha os fatos de cada dia, de toda espécie e proveniência, "Como Uma Rede" captura os peixes e os transforma habilmente como aplicações práticas para a vida hodierna.

É profundo o seu acatamento à Santa Sé e à Igreja.

A. M. P.

CUNHA, Martha Vieira Figueiredo: "Poemas de Martinha". Original com 96 pp., 10 x 12 cm, Edições Loyola, São Paulo, SP, 1972.

A jovem Martha V. F. Cunha acaba de publicar o livro "Poemas de Martinha". Martha é talvez a mais jovem, talentosa e moderna compositora do Brasil. Suas músicas originais — o violão, a guitarra, o órgão e o piano são seus instrumentos de artista — percorrem sempre mais os países, através de gravações. Todas as nações latinas da Europa, como a Itália, França, Espanha e Portugal, bem como todos os países da América Latina, deleitam-se num sem cessar de audições dessa cantora.

Já em 1971 a revista "Record World" afirmava ser Martinha a melhor cantora e compositora da América Latina.

Tudo isso, por si, recomenda as poesias e músicas de Martinha e este livro é sua confirmação. Martinha vive, escuta e interpreta as angústias da juventude e, mesmo, padece com ela. Acompanha também o entusiasmo juvenil de hoje. Pois canta em suas poesias o amor do adolescente, do jovem e mesmo dos que sofrem por amor não correspondido. Traduz, outrossim, o grande desejo de justiça e simplicidade, ambicionadas pela juventude hodierna, apontando para o caminho que leva para a verdadeira simplicidade evangélica.

Concluamos esta breve apresentação apenas com um pensamento básico: Leia você e medite "Poemas de Martinha" e viverá uma das horas mais lindas de emoção. Seu coração há de transbordar em algo que tanto almeja... enfim, verá o encanto do seu viver.

"Eu já andei caminhos que não andaria mais.

Já percorri estradas que eu não esqueço mais" (p. 15).

J. H. S.

BESNARD, A. M.: **Considerações intempestivas sobre a oração**, tradução do original francês por Atico Rubini (Coleção "Oração e ação" — 11), 166 pp., 18,5 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor, reconhecendo por um lado as dificuldades de falar sobre a oração, de modo especial hoje, está por outro lado ciente da necessidade de falar sobre ela, principalmente para aqueles "que uma experiência de Deus conduz à oração", que querem ser ajudados na oração- (cf. pp. 5-9).

As "considerações" estão reunidas nos seguintes capítulos:

1.º — A decisão; 2.º — As disposições; 3.º — Os espaços e as figuras; 4.º — As ascensões do Espírito; 5.º — As provações; 6.º — Para estar unido a todos. "O gênero literário destas páginas, com enunciados mais densos, seguidos de uma espécie de comentário, pareceu-me desde vários anos adequado para fixar a atenção sobre unidades de reflexão bem centradas" (pp. 7-8). Este gênero facilita, realmente, tanto a leitura-oração deste livro, como a assimilação das atitudes apresentadas.

As "considerações intempestivas", para além de uma orientação e introdução na oração, são simultaneamente (em muitos casos) uma oração. Desta forma, aquele que ler-rezando estas páginas assimilará atitudes cristãs fundamentais, de modo especial no seu relacionamento individual-comunitário para com Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Num anexo o autor explica "O papel da Escritura na oração: esboço de um encaminhamento".

Para todo aquele que estiver sequioso de uma palavra orientadora no caminho da oração, este livro poderá ser um guia ao mesmo tempo útil, simples e profundo.

C. L. B.

VOILLAUME, René: **Com Cristo Jesus**. Tradução do original francês pelas Edições Paulinas, 294 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

Quase desnecessário se faz apresentar a obra "Com Cristo Jesus", de René Voillaume. O autor, iniciador de um movimento espiritual muito apreciado em nosso tempo, é conhecido no campo da espiritualidade.

A obra "Com Cristo Jesus" são as palestras de um retiro pregado pelo P. Voillaume "no Vaticano para o Papa e seus mais íntimos colaboradores", como se diz no prefácio do livro.

As 22 palestras deste livro, que giram em torno da pessoa de Cristo, procuram penetrar o mistério da pessoa de Cristo, para ajudar o homem a entrar em comunhão com seu Salvador. O que o autor pregou ao Papa é posto ao alcance de todas as pessoas, que procuram crescer em seu amor a Cristo.

Esta obra presta-se muito bem para "alimentar, não apenas a piedade interior de inúmeras almas, mas oferecer-lhe também a percepção dessa unidade dos problemas fundamentais da vida cristã, fazê-los sentir "uma só e mesma coisa" entre eles e o Papa, no esforço em demanda da perfeição".

I. S.

DEECKEN, Alfons, **Saber Envelhecer**, tradução do inglês: "Growing Old" por Carmen Maria T. de Lyra, 80 pp., 18 x 13 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

O filme "Ikiru" (viver), produzido em 1952 pelo diretor que lidera o cinema do Japão, Kurosawa, foi considerado por diversos críticos como o maior filme jamais executado. É o drama fascinante de um velho que luta para dar sentido à existência. Certo dia fica sabendo que ele tem câncer e que apenas lhe restam seis meses de vida. Mas, é agora, quando os dias dele estão contados, que começa a aprofundar o sentido das coisas.

"Saber Envelhecer" é uma obra cujo autor foi muito feliz, demonstrando como a idade madura e, até a velhice, pode ser fase de grande produtividade, sabedoria, discernimento e muita fé.

Ele parte das experiências que teve no Oriente, onde as pessoas idosas são altamente consideradas. Sófocles tinha 80 anos quando escreveu "Édipo, o tirano", Goethe tinha mais de 80 anos quando terminou o "Fausto". Verdi, Haydn e Haendel compuseram músicas imortais com mais de 70 anos...

O autor mostra nesta obra, dum modo magistral, que riquezas, realizações materiais, beleza e saúde são apenas uma face da medalha: aquela que desaparece com o tempo. Para ele, envelhecer é a travessia dura, sim, porém gloriosa do deserto, na jornada à terra Prometida.

O livro apresenta sugestões para enfrentar os problemas da idade, desenvolver o respeito de si mesmo, lidar com as contrariedades, dores, decepções, imprevistos, enfim... a solidão! Concluindo, "Saber Envelhecer" tem o mérito de convencer ao leitor de que a velhice pode ser um tempo de alegria para banir as horas amargas dos anciãos. Já traduzido em seis línguas, continua um "best-seller" nos Estados Unidos. É uma obra que se abre curioso e se fecha sorrindo.

I. B.

TRAPÊ, Agostinho OSA: **O sacerdote, homem de Deus e servidor da Igreja**, tradução do original italiano por Hipólito Martinez (Coleção "Eu sou... aquele que serve" — 7), 188 pp., 20 x 13 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor, especialista em Santo Agostinho, recolhe na presente obra algumas conferências, de cunho espiritual (meditações), sobre o sacerdócio. As conferências estão distribuídas nos seguintes capítulos: 1.º — Vocação do sacerdote à santidade; 2.º — O sacerdote, homem de Deus; 3.º — O sacerdote, homem do povo de Deus; 4.º — O sacerdote, árbitro das coisas interiores e exteriores. As reflexões, num estilo fluente e brilhante, caracterizam-se por seu embasamento bíblico, pela riqueza de citações dos Santos Padres, de modo especial de Santo Agostinho, e pela correlação da doutrina bíblico-patristica com a doutrina do Vaticano II sobre o sacerdócio.

C. L. B.

SUÁREZ, Francisco e SÁNCHEZ, Clemente: **Ideário**. Tradução do espanhol por Luiz João Gaio, 285 pp., 21 x 13 cm, Edições Loyola, S. Paulo, 1972.

Há seis anos uma revista espanhola: "Cursilhos de Cristandad", órgão informativo do Secretariado Nacional da Espanha, quis prestar um bom serviço aos dirigentes diocesanos, começando a publicar o chamado "Ideário". As impressões falam que Ideário serviu para iluminar muitas mentes, afugentar trevas e orientar atuações. Ideário reúne um conjunto de ensinamentos e orientações que proporcionarão grandes bens aos cursilhistas e, em maior escala, aos dirigentes. Sabemos que os Cursilhos são um método nas mãos da Igreja e que, mediante um método próprio, impulsionam um movimento, possibilitando a vivência do essencial cristão, ajudando a descobrir e a realizar a vocação pessoal. Os Cursilhos de Cristandade não são uma associação; não se confundem com associações, muito menos se fundem com elas.

As Edições Loyola, sob a orientação do Secretariado Nacional dos Cursilhos de Cristandade do Brasil, iniciaram a publicação de uma série de livros sobre "Cursilhos". "Ideário" é uma obra que possui um conteúdo valioso para todos os que se interessam por dados concretos sobre cursilhos ou cursilhistas: como prepará-los, como levar as pessoas a se integrarem num movimento de Igreja... Traz um apanhado bem elaborado que orienta o leitor para saber algo sobre os Cursilhos de Cristandade. Sobre os métodos e movimentos de espiritualidade, alguns princípios, ideais e resoluções de prolongadas e aprofundadas reflexões que levaram a importantíssimas conclusões. Orienta o leitor ainda mais: como preparar os Cursilhos? Como descobrir, aplainar, simplificar e empreender os caminhos do Senhor? Onde partir? Qual o papel dos dirigentes?

Em Ideário os leitores encontrarão também explicações a respeito do que seja uma escola de dirigentes. Quais as qualidades e os deveres exigidos pelos integrantes da mesma. Explica o que venha a ser um "Rollo", quem pode ser rollista. Rollos místicos e rollos leigos... O que seja uma "Ultreya"... A quem cabe a tarefa de montá-los? Explica a importância do pré e do pós-cursilho. Como viver, compartilhar e aumentar o espírito despertado durante um cursilho...

Enfim, pode-se afirmar que é uma obra muito positiva. Possui o essencial que se deva saber para se ter uma idéia mais ou menos precisa sobre cursilhos e cursilhistas. Os autores-coordenadores foram muito felizes em não se perderem em rodeios, mas foram diretamente ao essencial. É uma leitura agradável que já produziu copiosos frutos e suscitou novas esperanças aos desencorajados na fé.

I. B.